

POR ENTRE COLONIALIDADES E ALTERIDADES... O OLHAR DO OUTRO EM NÓS

Between coloniality and otherness: the regard of the other in us

Monique Franco

*Volto a pensar naqueles corvos de asas de um negro de trufas lustradas.
Volto a pensar em seu campo de trigo: de espiga a espiga e tudo está dito,
com algumas pequenas corolas de papoulas docemente espalhadas, adiante acre e nervosamente aplicadas, e muito dispersas,
ciente e raivosamente pontuadas e recortadas.*

*Somente a vida sabe oferecer desse modo de desnudações epidérmicas que falam sob uma camisa desabotoada, e não se sabe por
que o olhar se inclina para a esquerda e não para a direita, na direção do montículo de carne crespa.*

Mas é assim e é um fato.

Mas é assim e está feito.

(ARTAUD, Antonin. *Van Gogh: o suicida da sociedade*)

Para iniciar a escritura deste editorial, precisou vir frente fria no verão. O vendaval veio, quebrou galhos e arrancou raízes do chão. Como re-compor, parece ser sempre a questão nestes momentos. Tanto a falar deste número 34 da *Espaço*, que traz a frutífera troca com autores, intelectuais comprometidos a pensar e atuar, de forma sensível e potente, em/a realidade social que os/nos cerca, os processos que produzem e reproduzem as desigualdades, as colonialidades do *outro*, as capturas ideológicas e narcísicas, cada vez mais ampliadas do nosso tempo. Esses autores também parecem querer potencializar e apostar numa nova tarefa revolucionária, as pequenas vitórias de cada 'brecha' aberta por meio dos dia (*logos*) possíveis e da ação política que a educação promove.

A alteridade, em prática, como política, como liberdade. Autores especiais, parceiros, abrilhantam meu último número à frente deste periódico, desde 2006 – que possui valor todo especial para mim –, quando do retorno do meu doutoramento ao *Instituto Nacional de Educação de Surdos*. Assim, eu poderia, como é de praxe nos editoriais, começar a falar do emocionante texto do quer-ido Skliar, que esteve entre nós, no INES, em anos difíceis, com Wilma Favorito, indecifrável inteligência, ética e potência, hoje diretora do Departamento de Ensino Superior, coordenando o Curso Bilíngue de Pedagogia do INES; Emeli Marques, guerreira; Silva Pedreira, militante, e ainda a doce e competente Márcia Gomes; Alice Freire, nossa eterna professora de linguística e pesquisa, então na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Behares, Vera Loureiro, esta um caso à parte, mas também Ana Videira, Dolores, Silene, Aninha, Rômulo, Regina, estes dois últimos, nossos para sempre coordenadores de turno, quando ainda lecionávamos na escola. Outra Regina, doutora, linguista, também deve ser lembrada aqui, Regina de Souza, da Unicamp, responsável com o Skliar por cravar definitivamente Foucault em nossas trajetórias intelectuais. Skliar nos orientava e instigava, então no final da década de 1990, a re-pensar o currículo e as múltiplas e desafiadoras identidades dos sujeitos surdos. Trazer o bilinguismo como opção política de educação deste segmento minoritário, desses *outros*. Ou seja, falar de Skliar é falar de nossa emocionada honra de tê-lo tido conosco, naquele importante momento de transição e de ainda tê-lo até hoje em nossos corações. É dele a nossa admiração e a seção **Espaço Aberto**.

Na seção **Debate**, temos o brilho e a seriedade do trabalho de Wilmar da Rocha Dangelis, com o artigo *Atípico e Desviante: o texto de surdos em português ou o ensino de português para surdos?* – questionamento fundamental para pensar o bilinguismo na atualidade. Dialoga com ele Deonísio Schmitt, doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina, surdo, que traz o estudo *A proposta bilíngue no ensino ao aluno surdo das escolas catarinenses*.

Desta vez a seção **Debate**, completamente pautada por demanda espontânea, recebeu dois artigos bem sincrônicos, que têm por objeto o uso da tecnologia na sala de aula, no âmbito da educação de surdos. São eles: *Gestão e autonomia da escola: possibilidades de inserção de novas tecnologias na educação de surdos*, de Rossicleia de Castro da

EDITORIAL



4

Rocha, e *A importância das mídias no ensino da língua portuguesa na educação de surdos*, de Suely Lucena Martins. Com isso esperamos que a seção, totalmente dedicada ao ensino dos surdos em seus diferentes aspectos, possa contribuir e dialogar com os estudos e as pesquisas de nossos assíduos leitores.

Mas há um aspecto importante que merece ser destacado nesta seção e que dialoga de forma intrínseca com Skliar e com este número tão especial. Foucault nos ensinou, de forma muito simples, ao explicar a emergência da disciplina ou do saber disciplinar, que a retirada do *outro* do processo de constituição do saber ‘científico’ acabaria por produzir uma série de *mesmos*. Tendo os loucos e/ou a loucura como objeto, o mestre nos retrata em sua arqueologia um período em que estes, os loucos, viviam a par e passo com os demais membros sociais. Na constituição de um saber sobre o *outro*, o saber ‘científico’ retira, separa, enclausura, diagnostica e repõe um saber em que esse *outro* não existe mais. Somos nós falando dele! *Mesmos*, viramos, todos! Deonísio Schmitt, nesta seção, nos traz o outro *outro*, o *outro* surdo, o surdo por ele mesmo: muito prazer! E é bom saber que esta comunidade intelectual surda cresce com o querido Alex Curione, que precisa também ser lembrado aqui, intérprete, monitor e pedagogo surdo, e Heloisa Gripp, hoje professora de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mas há tantos outros surdos (e as ditas ‘minorias’) no mesmo processo. Vitórias frente à opressão e rejeição de tudo aquilo que é colocado à margem, como se margens de fato existissem neste nosso emaranhado rizoma. Esta comunidade intelectual surda cresce, e o Instituto, a *Revista Espaço* e todos aqueles que militam por uma educação que dialogue com as diferenças têm parte nesta conquista.

E este é, também, o espírito que move a seção **Atualidades em Educação**. O amigo querido Claudio A. Barría Mancilla, com seu pensamento e sua escrita potente e sempre inacabada, porque em movimento, como tem mesmo que ser, assina o Dossiê *Educação e Educação Popular*, e o apresenta de forma tão brilhante, que o que mais sobre ele posso escrever? Tanto na apresentação do Dossiê quanto no seu artigo *A colonialidade do saber e a emergência dos Nadies*, Claudio vem com esta força, esta necessidade de apontar novas formas de pensar e fazer a educação, extra-muros, ‘fora das caixinhas’, não é amigo? E neste ponto volto ao mestre e poeta Carlos Skliar para ‘beber’ do que ele transforma e trans-borda em alimento, quando nos propõe tentar decifrar, deglutir, devorar, de forma antropofágica mesmo, em seu ensaio, *Una ética de la mirada para el encuentro con el otro*, uma leitura possível sobre a presença do *outro* em nós, por meio de cenas congruentes e incongruentes. “Na mosca”, diria outro querido amigo, Roberto Marques, que aqui nos apresenta seu artigo, parte do Dossiê, *Entre saberes: o escolar, o cotidiano e o científico – o caso da geografia escolar*. “É isso”, eu diria! Como deixar habitar esse outro em nós, com todas as suas diferenças, com tudo que, como nos ensinou o mestre Foucault, se apresenta como similitudes, espelhadas, por vezes, aterrorizantes, caso estejamos entregues à dura, porém singela tarefa de viver e trocar, de forma plena, a paixão pelo saber de si e do *outro*, da *physis* que há em nós, que move os homens desde seu surgimento como espécie, esta, com a oralidade fundadora e criadora, que teima em existir e ousa mudar, transformar, incessantemente. Inquietos somos quando amamos. O *outro* faz isso. Quebra galhos e arranca raízes do chão. Movimenta todas as certezas e/ou verdades que tínhamos desde então. Teima a existir em nós, faz vento e, assim, nos rein-ventamos, todo o tempo.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, em suas práticas e políticas, e este veículo, a *Revista Espaço*, desde 1990 parte da história do Instituto e suas lutas, com todas as suas congruências e incongruências, têm-se aberto a pautar as questões que urgem e disputam espaços hegemônicos no âmbito da educação de surdos e/ou a educação dos “diferentes” no Brasil, este espaço ímpar de exercício da alteridade, foco deste número, desta alteridade de que nos falam Paula Werneck Vargens, guerreira que cresce a cada dia, outra autora que integra o Dossiê, com seu belo artigo *Fazendo parte sem fazer*, e Elizabeth Serra Oliveira, com sua análise *Movimentos sociais e educação popular no Brasil*. Ambas mulheres, intelectuais e militantes da alteridade, ambas dispostas a acolher o *outro* de modo a viabilizar o retorno do sonho de uma sociedade menos desigual. Cabe, ainda, observar que as fotografias de Rodrigo Oñate apresentadas no Dossiê são “imagens das massivas mobilizações populares em contra do lucro na Educação e pela mudança do sistema, que ocorreram em 2011 no Chile, lideradas pelos estudantes secundaristas e universitários” – a emergência dos *Nadies*!

A seção **Reflexão sobre a prática**, de especial valia para o *corpus* desta publicação, pois traz à tona os dilemas e as ações do chão da escola, nos presenteia com dois belos estudos. Rafael Mattos traz a filosofia para pautar seus estudos no artigo *O educando surdo e sua normatividade: uma reflexão a partir de Georges Canguilhem*, e as autoras Ericler Gutierrez, Simone Costa e Alessandra Fonseca nos apresentam suas experiências em *O aprender e o ensinar: produção de sentidos subjetivos em uma turma de alunos surdos*.

As seções **Visitando o Acervo**, **Produção acadêmica** e **Material técnico-pedagógico** compõem a densidade dos estudos e pesquisas que oferecemos aos leitores neste número especial.

As belas capas da Revista Espaço, na maioria reproduções de pinturas tombadas pelo patrimônio universal, que remetem, direta ou indiretamente, ao ensino, à criança e aos seus 'sinais', já fazem parte da história desta publicação. A escolha desta capa tem, porém, a marca do atravessamento de uma estim-amada amizade. A lucidez de Van Gogh – que o levou a exercer sua loucura ao extremo e a nos oferecer o seu *outro*, por meio de seus amarelos girassóis, suas espigas, seus autorretratos e seu sol negro – habitou transversalmente minhas inquietações ao longo do último ano, e seu colorido volta aqui, na figura de *O escolar*. É do psicanalista amigo, estudioso de Van Gogh, a proposição “quando não sei ensino”, e a compartilho com vocês como um precioso conselho, indicando de maneira simples e honesta essa nossa tarefa político-afetiva de devolver ao saber a sua possibilidade de se re-fazer em de novo-saber, por meio de cada um do *outro* em nós. O sentido do ensino e de *O escolar*. Fica aqui a minha singela homenagem à genialidade desses dois homens, artistas da alma, cada qual em sua militância, seu tempo e seu lugar.

Mas como toda despedida remete ao começo, não tenho como não relatar a primeira vez que adentrei o casarão então rosa, da Rua das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em 1996, cheio de rangentes escadarias de madeira, que anunciavam o porvir – o barulho das falas silenciosas dos surdos, silenciados por tantos séculos, estava ali a urgir e me ensinar, *na marra*, o que era o *outro* existir. Agradeço a possibilidade ímpar deste exercício, fundador do que hoje penso e pratico como educadora e pesquisadora. Mas outro encontro se deu naquela tarde e ficou para sempre em meu coração. Coincidentemente, naquele dia, indicada por um amigo em comum, sem procurar encontrei, numa sala da Divisão de Cooperação Técnica, a para sempre amiga Vera Loureiro. Eu lhe trazia um recado. Entreguei, e ela sorriu, o acolhimento (também o meu) emocionado, sagaz, inquieto e comprometido que pauta, até hoje, todas as suas ações.

Nesta então despedida, motivada pela bolsa de dedicação exclusiva na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cá estou nesta editoria a tempo de passar o bastão, momento em que é importante destacar a Comissão Editorial e a Comissão *ad hoc* da publicação, os colegas que aceitaram conosco o desafio de organizar a *Espaço* como um lugar de interlocução. A eles o nosso muito obrigado. E também aos colegas de Comissão Executiva que, em diferentes momentos, compartilharam deste trabalho, sobretudo Maurício Rocha e a Janete Mandelblatt, ainda entre nós, assumindo a revisão técnica de língua estrangeira. Ficou nosso aprendizado (creiam, não é fácil orçar, selecionar, pautar, revisar e revisar) e nossa sincera amizade. Margarida, nossa incansável revisora, atenta inclusive em delimitar de forma elegante os meus excessos aqui. Outra que virou parceira. Alvanei, meu chefe determinado a continuar crescendo e estudando, e minha outra amada chefinha, responsável por tudo isto aqui, Leila Dantas, competente e doce guerreira à frente do Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico na atual gestão do Instituto, são os responsáveis, junto conosco, pelo credenciamento e avaliação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) da *Revista Espaço* como um periódico B4, indicando, com isso, a aposta em nosso trabalho e seu reconhecimento, bem como o caminho a ser percorrido para alcançar voos mais largos. Àqueles que nos submetem seus artigos, relatos de pesquisas, práticas, agradecemos pela confiança e pelo alimento do debate. Esta é a essência da academia. Aos coordenadores de Dossiê, modelo que incorporamos por julgar necessário pautar alguns temas e tentar trazer algo perto de um estudo da arte sobre os mesmos, buscando dar mais densidade a cada número, sem deixar de dialogar com a demanda espontânea, também agradecemos o aceite de nosso sempre apertado convite. Com muitos prazos, sempre, lidamos.

EDITORIAL

**6**

A nossos leitores, professoras e professores de educação e/ou educação especial, fonoaudiólogos, psicólogos, estudantes, familiares e a todos aqueles que percorreram e percorrem conosco esta trilha, até aqui, esperamos ter trazido um debate representativo do campo, ampliando o espaço e a visibilidade dos estudos e ações. Cabe por último mencionar a importância do espaço do livre pensamento editorial, proporcionado pela Direção do *Instituto Nacional de Educação de Surdos*, demonstrando, com isso, o acolhimento da tensão do debate acadêmico, sem restrições. Boa sorte e bom trabalho aos colegas que agora assumem a Comissão Executiva. Fico na Comissão Editorial, contem comigo e com o meu afeto por esta bela publicação, importante veículo de discussão e troca em todo o Brasil e países de língua portuguesa, mobilizando os enfrentamentos necessários quando o que está em jogo é a educação e a educação do *outro*, em nós. Caminhemos, pois, a par e passo.

Vida longa à *Revista Espaço*.

Monique Franco
(Comissão Executiva & Editorial)